

TEORIA LITERÁRIA E PEDAGOGIA DA LITERATURA

Domício Proença Filho

Presidência: ROMERO F. AGRA

Qualquer atividade didática pressupõe, mesmo nesses tempos de cultura de massa, a reflexão sobre quatro questões fundamentais: **o que ensinar, a quem ensinar, para que ensinar e como ensinar**. Em outras palavras: cabe considerar o objeto do ensino, o destinatário da ação pedagógica, os objetivos e a metodologia, fatores que se interrelacionam num processo complexo.

Nesse processo, vive-se, na atual realidade brasileira, em espaços de crise.

Ensina-se Literatura de maneira sistemática, a nível de 1º, 2º, 3º e 4º graus, em estabelecimentos especializados que abrigam crianças, jovens e adultos; desenvolve-se pedagogia assistemática através de livros, periódicos, cursos, conferências, congressos, seminários, destinados ao chamado público em geral.

A situação crítica envolve razões de natureza variada que vão desde a realidade sócio-econômica do país até as alterações das diretrizes, das bases e da estrutura do ensino que têm marcado a Educação no Brasil e, embora se evidencie, com maior ou menor relevância, em termos de destinatário, objetivos e metodologia, centraliza-se, no nosso entender, na complexidade do objeto de ensino; nesse sentido, ultrapassam as fronteiras nacionais, além de correr o risco de tornar-se crônica.

Literatura é palavra polissêmica. Sua significação plena abrange, ainda hoje, uma área de mistério que continua desafiando a argúcia dos estudiosos. Bastaria lembrar, a propósito, a funda divergência que desune críticos, professores, sobretudo universitários, e criadores.

Arte da palavra, vincula estreitamente uma dimensão lingüística e uma dimensão estética: a obra literária se concretiza num texto especialmente criado. É no texto e a partir dele que se configuram aspectos estéticos, apoiados numa base lingüística.

No dispositivo verbal caracterizador da obra de arte literária, cria-se uma realidade que passa a existir em função dele como tal e que busca

efetivar uma apreensão radical do Homem e sua circunstância. Esse real revelado ultrapassa os limites individuais do codificador para colocar-se na direção da essencialidade.

A realidade caracterizada no texto literário é anespacial e atemporal. A linguagem literária produz, e não literária reproduz. A Literatura, no seu processo, “inventa novos meios de expressão ou emprega diferentemente os que estão em vigor em certa época” (LEFEBVE, *Strucura du duscours de la poésie et du récit*, p. 19).

As faces integradas nessa dupla dimensão – linguagem e revelação de realidade – é que vêm merecendo a atenção da crítica moderna e contemporânea, enfatizada ora uma, ora outra, ou ambas com a mesma intensidade, à luz de variados enfoques.

Seja-nos permitido sensacionalizar o óbvio e explicitar, na companhia de outros estudiosos do assunto, algumas noções pertinentes.

Como revelação, compreendemos a configuração mimética do real. “A obra de arte literária” – resume David Daiches – “não se restringe à simples representação de fatos ou situações **particulares** observadas ou mesmo inventadas. Ela se configura quando, ao tratá-los, **realça-lhes** os elementos universais e característicos, iluminando assim a natureza essencial de algum acontecimento ou situação, quer seja ou não historicamente verdadeiro o que se esteja narrando”. (DAICHES, *Posições da crítica em face da Literatura*, p. 32). Não se trata de imitação fotográfica. A mímese, escreve Merquior, “figura o singular, mas exhibe o universal”. (MERQUIOR, *Astúcia*, p. 7).

O que depreendemos do texto literário ultrapassa os limites da simples reprodução ou do mero referente, para nos atingir com um tipo de “informação” que não conseguimos traduzir ou mensurar nos seus componentes precisos, mas que sabemos existir.

A apreensão caracterizada na Literatura pode concretizar-se em função de tensões de caráter individual – como se pode perceber, por exemplo, na leitura de **A paixão segundo G.H.**, de Clarice Lispector à luz de tensões de caráter coletivo, como acontece com o **Grande sertão: veredas**, de Guimarães Rosa. E isso se dá num constante diferenciamento, que permite depreender visões de mundo e presença de ideologias.

O fenômeno literário se realiza na inter-relação autor-texto-leitor. A linguagem da Literatura é necessariamente ambígua e em permanente atualização e abertura vinculadas estreitamente à prevalência ao caráter conotativo que a singulariza. A Literatura se faz, fazendo-se. A conotação, ensina a Lingüística, implica, por seu turno, em universo cultural bem mais variável do que o que se traduz na dimensão denotativa, seja em termos de indivíduos, seja em termos de grupos ou de classes sociais. Já se percebe a importância da leitura como espaço de **atualização** do texto.

Claro está que o sentido das palavras de uma língua “condensa os resultados de numerosos séculos de atividade humana, orientada para o conhecimento da vida”, como bem afirma I. Lotmann (Cf. LOTMAN, I. *Leçons de poétique structurale*, apud PRÉVOST, C. *Literatura, política, ideologia*, p. 175) mas o texto literário evidencia uma autonomia, ainda que relativa, em relação ao material lingüístico de que se vale (Cf. PRÉVOST, o. c. p. 175) e assume seu dimensionamento estético.

É esse traço especial da linguagem literária que garante a sua resistência à ferrugem do tempo. O homem, no seu percurso histórico-existencial, passa por um processo modificador que, entretanto, não ter atingido determinadas componentes psicológicas que lhe são próprias. Ao buscar o espaço da radicalidade da condição humana, a Literatura assegura a sua permanência e a sua atemporalidade.

A matéria literária é, pois, cultural. A Literatura reflete o pensamento, o sentimento e a ação de um povo quem através de uma língua, se expressa. O artista da palavra retira do mundo “elementos que, convenientemente organizados, podem representar a totalidade e constituir uma afirmação cuja força e coesão não estão ao alcance imediato dos profanos. Em outros termos, uma das mais relevantes funções do artista é ajudar o leigo a estruturar o seu universo cultural”. (HALL, E. *La dimension cachée*, p. 105). A arte literária assume, assim, notável importância como elemento formador e conscientizador.

Cultura implica em sociedade. Não existe sociedade sem cultura, não existe cultura sem sociedade. E cabe considerar, no caso, em sentido restrito, a cultura “já feita”, isto é, as maneiras de pensar, de sentir e fazer que o uso comunitário referendou como tal e como representativas do modo de ser da comunidade e, num sentido amplo, a cultura que se está fazendo, a cada instante do cotidiano do homem, sobretudo na atualidade, quando, no mundo-aldeia, os meios de comunicação se convertem em eficientes agentes culturais.

A caracterização cultural, por sua vez, admite, em termos sociais, ampliações e setorizações que permitem tratar, entre outras, de cultura ocidental, cultura européia, cultura romana, cultura brasileira etc.

“As línguas”, esclarece Mattoso Câmara, “são produto da cultura para permitir a comunicação social; as mudanças na cultura determinam mudanças lingüísticas, principalmente no que se refere às categorias gramaticais e ao léxico (. . .) Pode-se dizer que em cada estado lingüístico se resume a cultura vigente”. (MATTOSO CÂMARA JR. *Dicionário de Filologia e Gramática*, p. 97).

Se a conotação, marca tipificadora da linguagem literária, pluraliza-se em função do universo cultural dos falantes e, por consequência, do seu repertório lingüístico, vincula-se portanto, ao processo de desenvolvimento

da cultura. Não é difícil concluir que a Literatura, apoiada num sistema de signos lingüísticos, traduz o grau cultural de uma sociedade.

A realidade revelada na matéria ficcional, entretanto, não se confunde com a realidade socialmente dada. Vai mais além. Valendo-nos, ainda uma vez, de Lefebve: “A obra (de arte literária) é sempre o lugar e como a intersecção de dois movimentos de sentidos opostos (. . .) um que a dobra sobre si mesma, num puro objeto de linguagem (. . .); outro que a abre, ao contrário, sobre o mundo, interrogado na sua realidade e sua presença essencial (. . .) movimentos contraditórios e entretanto solidários, pólos ao mesmo tempo complementares e antagonistas, criadores de um campo dinâmico que só ele permite compreender os diversos aspectos do fenômeno literário”. (LEFEBVE, *Structure*, p. 29).

A Literatura cria significantes. Em relação ao sistema 1, a língua, funciona como um sistema 2, a ela superposto. Apresenta, pois, seus próprios meios de expressão, estreitamente articulados. Ao superpor-se ao da língua, o código literário envolve, em certa medida, alterações mais ou menos desestruturadoras, às quais alia, em alguns casos, o valor intersemiótico dos signos, o que se evidencia, por exemplo, em manifestações da vanguarda dos anos 50 e 60 na Literatura Brasileira, como a poesia concreta, práxis, poema-processo. E marca-se de ambigüidade. Em relação à língua, ela é reflexo e é mudança, como, em relação à cultura, pode ser espelho e denúncia.

Como sistema, o texto literário compreende um conjunto organizado a partir de determinados princípios. Como configuração de essencialidade, implica o espaço de universal. Recordemos com Edgard Morin: “as obras de arte universais são aquelas que detêm originalmente ou que acumulam em si possibilidades infinitas de projeção-identificação”. (Edgard Morin).

Literatura: linguagem, emoção, conhecimento; Literatura, “uma das formas de luta da humanidade por uma verdade que lhe é necessária” (LOTMAN, I. *Structure*, p. 26). Literatura: polissemia, universalidade, visão articulada do tempo, articulação de sistemas de signos, produção, texto, contexto, recepção; Literatura: revelação e transformação, Literatura, uma arte em processo. Em todos esses aspectos, a configuração de um fato cultural complexo que, desde Aristóteles, tem merecido a reflexão sistemática de filósofos, teóricos e críticos preocupados com sua natureza, suas funções, sua significação, relevância e conseqüências.

Essa mesma complexidade fez proliferar os orientadores da descodificação, os especialistas em Literatura, enquanto críticos e enquanto teóricos.

A crítica procura basicamente **avaliar** a significação literária e cultural de um texto. A teoria literária centraliza-se na busca de fundamentações para a caracterização e a avaliação da obra literária. O ensino de Literatura abrange dimensões críticas e teóricas; procura orientar iniciados ou

dimensionar a relevância cultural da arte literária. Daí os objetivos que costumam presidir a ação pedagógica sistemática que se faz nas escolas, entre eles, desenvolvimento de hábitos de leitura como fonte de prazer e de conhecimento (o discente passa a integrar a restrita confraria dos membros da comunidade que têm condições de aquilatar a significação da obra de arte literária para além do simples hedonismo); compreensão do fenômeno literário nos quadros da cultura; compreensão das Letras como fator de desenvolvimento nacional (ponto de partida, no caso do Brasil, para a reflexão sobre a realidade do país, espelho e proposta, tradição e ruptura, denúncia e liberação); desenvolvimento da capacidade crítica, que permita avaliar a representatividade estética e social dos fatos literários; formação do gosto estético; melhor compreensão do "outro", seja do próximo imediato, seja dos povos com que convivemos no mundo da civilização planetária; visão panorâmica e sistemática do processo literário; conhecimento dos fatos literários que fazem a literatura nacional.

Fora do ambiente escolar, a pedagogia assistemática procura assegurar o lugar da Literatura como arte altamente representativa e significativa da Cultura e se preocupa com estimular a produção, a divulgação e a preservação do produto literário, num permanente esforço de configuração e avaliação.

Diante do exposto, cremos que, pelo menos na atualidade brasileira, um caminho, entre muitos, é, no que se refere à pedagogia da literatura, distinguir elementos configuradores da universalidade do texto literário e elementos nitidamente epocais que permitam compreender a articulação literatura/processo cultural. Um país como o Brasil, cuja identidade cultural ainda se prende e muito a desfigurações oriundas da dependência de metrópoles culturalmente mais desenvolvidas torna oportuna, pertinente e relevante essa vinculação. Tal procedimento, entretanto, deve buscar oferecer subsídios para a reflexão do próprio usuário, que deverá aprender a avaliar e não a repetir avaliações.

Quanto à atividade crítica, ela continuará a oferecer elementos e informações sobre a literatura que ajudem o comum das gentes, a seguir usufruindo de suas condições de objeto estético, assegurando a permanência e a validação desse importantíssimo produto cultural. Num e noutro caso, torna-se imprescindível a fundamentação oferecida pela teoria literária, seja qual for a posição adotada e à luz da necessária interdisciplinaridade exigida pela complexidade da obra de literatura.

O centro do estudo será sempre o texto literário. A base teórica da leitura deverá ser considerada instrumental e não pode substituir o conhecimento da matéria-prima que faz o processo da Literatura.

Não se pode esquecer, por outro lado, que a arte literária não é uma realidade isolada: mantém estreita vinculação com outras manifestações da Cultura.

No caso específico do professor, cumpre fundamentar-se, munindo-se de conceitos operacionais que lhe garantam a corrência na apreciação do objeto de estudo. Aos elementos que lhe propicia a Teoria Literária, podem associar-se, na perspectiva interdisciplinar citada, conhecimentos de filosofia, psicologia, sociologia, história e outros ramos do saber humano que permitam um acesso cada vez mais pleno do espaço multissignificativo da Literatura.

A Teoria Literária ainda não encontrou sua plena definição. A metodologia é variada e múltipla. Se como quer o poeta Cassiano Ricardo, “a poesia é uma ilha cercada de palavras por todos os lados” e se “o poeta é um homem que trabalha o poema com o suor de seu rosto”, um homem que tem fome como qualquer outro homem”, a pedagogia da literatura possibilita aos estudiosos preocupar-se com a ilha, deter-se nas palavras, ater-se ao cerco, centralizar as atenções no homem, voltar-se para os homens, mediar sobre sua fome, atentar para a Poética, concentrar-se na Poesia, fundir diversas dimensões: os posicionamentos serão válidos, desde que tenham o texto literário como centro, situa na sua articulação estética e lingüística.

Em termos de ação docente, importa não forçar, não impor leituras. Cumpre motivar a reflexão, reiteramos, motivar a procura do texto e dos espaços múltiplos que encerra. Abram-se perspectivas, iluminem-se os caminhos, mas que o discente faça o seu próprio percurso, com seus próprios passos.

As teorias descrevem a complexidade estrutural e funcional dos signos; cada uma, entretanto, se circunscreve nos limites de sua compreensão e o signo literário ultrapassa qualquer tipo de hermenêutica para permanecer aberto a novas e novas incursões. Essa a riqueza de mistério. Por isso a procura tem encontrado sempre um espaço disponível. Ensinar Literatura é ensinar a ouvir o silêncio do texto literário.

Bibliografia

- DAICHES, David. **Posições da crítica em face da Literatura (Critical approaches to Literature)**. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1967.
- CÂMARA, Jr., J. **Dicionário de Filologia e Gramática referente à Língua portuguesa**, 2. ed. Rio de Janeiro, J. Ozon, 1964.
- HALL, Edward. T. **Is dimension cachée (Th. Hidden Dimension)**. Paris
- LEFEBRE, Maurice-Jean. **Structure du discours de la poesia et du récit**. Neuchâtel, La Baconnnière, 1971.
- LIMA, Luiz Costa. **Por que Literatura**. Petrópolis, Vozes, 1966.
- LOTMAN, Iouri. **La structure do texto artistique**. Paris, Gallimard, 1975.

- MERQUIOR, J. Guilherme. *A astúcia da mímese*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1972.
- MORIN, Edgar. *L'esprit du temps*. Paris, Grasset, 1962.
- PRÉVOST, Claude. *Literatura, Política, Ideologia (Littérature, Politique, Idéologia)* Lisboa, Moraes, 1976.
- PROENÇA FILHO, D. *Estilos de época na Literatura*. 6 ed. rev. aum. São Paulo, Ática, 1980.
-

BREVE CURRÍCULUM DO PROFESSOR DOMÍCIO PROENÇA FILHO

Domício Proença Filho é carioca, diplomado em Letras Neolatinas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e Livre Docente e Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina.

É professor da Universidade Federal Fluminense, onde atua em cursos de graduação e pós-graduação e chefia o Departamento de Literatura. Lecionou na Faculdade de Letras da UFRJ, na PUC do Rio de Janeiro, na Universidade Santa Úrsula e no Colégio Pedro II e em inúmeros outros estabelecimentos de ensino médio e superior.

Como Professor Titular Convidado (**Gastprofessor**) lecionou Literatura Brasileira na Universidade de Colônia (Alemanha Ocidental).

Entre as várias funções públicas na área da Educação e da Cultura, participou da Comissão de Alto Nível encarregada do Plano de Implantação da Reforma de Ensino no antigo Estado da Guanabara e integrou o Grupo de Trabalho que, em 1975, estruturou o Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Município do Rio de Janeiro.

Foi responsável por inúmeros projetos culturais desenvolvidos por este órgão, entre eles o Projeto **O Escritor vai no Livro**, que promoveu o encontro de mais de uma centena de autores brasileiros com o público das bibliotecas.

Foi Diretor de Texto da **Enciclopédia Século XX**.

No âmbito da comunicação de massa, idealizou e produziu, para o Serviço de Radiodifusão Educativa do MEC, entre outras atividades, as séries "Nos caminhos da comunicação" e "Os romances de Érico Verríssimo" e, na TVE, foi consultor pedagógico do "Projeto Conquista".

É autor do livro **Estilos de época na Literatura**, da obra **Língua portuguesa, Literatura Nacional e a Reforma de Ensino**, da série didática **Comunicação em português** em quatro volumes, destinada ao ensino de 1º grau, da obra didática **Português e Literatura** e de uma tese sobre o romance **Corpo vivo**, de Adonias Filho.

Como poeta, estreou em 1979 com **O cerco agreste** e tem, em vias de publicação, **Faces do verbo (Oratório dos Inconfidentes)**.